

Hermenêutica e pluralismo religioso: interpelações proféticas às religiões

Hermeneutics and religious pluralism: prophetic challenges to religions

Tiago de Fraga Gomes*

Resumo: A presente pesquisa, partindo do pressuposto de que a metodologia hermenêutica em teologia permite tratar de temas delicados de forma criativa e aberta, pretende lançar algumas questões de teologia hermenêutica e suas implicações para o fazer teológico, para, em seguida, abordar especificamente a questão do pluralismo religioso como uma realidade intransponível do tempo atual, que merece ser relevada e refletida. Por fim, elaborar-se-á alguns apontamentos acerca de possíveis interpelações proféticas às religiões, em vista de um desentrançamento teológico e de uma justificativa ética da razão de ser das religiões perante a sociedade.

Palavras-chave: Teologia. Hermenêutica. Pluralismo. Religiões.

Abstract: This research, based on the assumption that the hermeneutic methodology in theology allows dealing with sensitive issues in a creative and open way, intends to raise some questions of hermeneutic theology and its implications for theological practice, to then specifically address the issue of religious pluralism as an insurmountable reality of the present time, which deserves to be highlighted and reflected upon. Finally, some notes will be elaborated about possible prophetic challenges to religions, in view of a theological trenching and an ethical justification of the reason for being of religions in society.

Keywords: Theology. Hermeneutics. Pluralism. Religions.

1. Introdução

A teologia como hermenêutica da fé revelada, busca responder ao desafio da experiência histórica hodierna (GOMES, 2021, p. 17). É provocada a reinterpretar constantemente seus conceitos advindos da Tradição e das Sagradas Escrituras em vista das indagações críticas advindas de seus interlocutores – Igreja/religião, universidade, sociedade –, a fim de discernir novas compreensões, em uma retomada criativa, e elaborar indicativos de novas práticas. Para Geffré, a teologia como hermenêutica anseia evitar o suicídio da inteligência, dando espaço a uma postura crítica da inteligência da fé, ao mesmo tempo em que confia na ação sempre viva e atualizadora do Espírito Santo que atua na história (1972b, p. 56; 1989, p. 59-61; 2002, p. 637; 2004, p. 47-48; 2013a, p. 70). Haight alega que o método hermenêutico em teologia confere maior vivacidade e atualidade à leitura e interpretação da Tradição cristã (2004, p. 275).

Geffré chama a atenção que a teologia, enquanto assume uma autêntica e genuína atitude hermenêutica, precisa possuir uma nova sensibilidade dialogal, aceitando as provocações do tempo atual, a fim de ser capaz de corresponder aos seus desafios, dentre os quais, situa-se ineludivelmente a questão do pluralismo religioso, que provoca a razão teológica a refletir sobre a singularidade da experiência cristã no contexto da diversidade irreduzível das expressões

* Doutor em Teologia pela PUCRS com estágio pela Ruhr-Universität Bochum, Alemanha. Vencedor do Prêmio CAPES de Tese 2021. Pós-Doutorando pela PUCRio, com apoio CAPES. Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCRS. E-mail: tiago.gomes@pucrs.br

religiosas (GEFFRÉ, 1989, p. 12; 2000, p. 3-4; 2004, p. 30; 2013a, p. 6; TRACY, 1992, p. 49). Sendo assim, na presente pesquisa pretende-se lançar, em um primeiro momento, algumas questões de teologia hermenêutica, e suas implicações para o fazer teológico, para, em seguida, abordar especificamente a questão do pluralismo religioso. Por fim, a partir dos temas abordados, elaborar-se-á alguns apontamentos acerca de possíveis interpelações proféticas às religiões.

2. Questões de teologia hermenêutica

O teólogo tem a importante missão de demonstrar a pertinência da mensagem revelada para a inteligência e a prática das pessoas de hoje (GEFFRÉ, 1972b, p. 78; 1989, p. 5-7). A teologia precisa levar a sério a mediação histórica da Revelação e a sua necessária atualização pela consciência humana. Enquanto experiência de fé que se torna mensagem, a Revelação é interpretada e expressa na dimensão da história, circunscrita à determinada tradição linguística e cultural. Nos eventos fundantes da Revelação, há testemunhos de experiências de fé, que em si, são interpretações, e que têm a vocação de gerar novas interpretações (GEFFRÉ, 1990, p. 7-8; 2004, p. 113; 2013a, p. 182). A estrutura hermenêutica da experiência de fé faz ver um *intellectus fidei* sempre em construção, em contato permanente com os *estados de consciência* hodiernos. Isso não significa reduzir o conteúdo da Revelação ao credível humano disponível em determinado momento histórico (GEFFRÉ, 1990, p. 13-15).

A apropriação da mensagem da Revelação passa por um processo de inculturação e inspiração de experiências singulares de fé (GEFFRÉ, 1982, p. 117-142; 1987, p. 408; 1990, p. 15; 1994, p. 113). Sendo assim, apesar do mistério divino ser absoluto, toda compreensão humana de Deus é sempre condicionada e provisória (BERNHARDT, 1994, p. 119; DUPUIS, 1999, p. 395). Percebe-se pela própria dinâmica da economia salvífica que a Palavra de Deus penetra ao modo humano a concretude do mundo humano, traduzindo, assim, o mistério inefável, para os parâmetros condicionados da capacidade humana de conhecer. É possível afirmar que a encarnação do *Logos* (Jo 1,1-18) é a plenitude de um grande processo de tradução da comunicação de Deus à humanidade, sendo a pessoa de Jesus Cristo, a expressão por excelência da estrutura fundamental do teologizar hermenêutico, que interpreta a transcendência na imanência, a partir de um compreender histórico (GEFFRÉ, 2013a, p. 368; CORETH, 1973, p. 193; CORTESI, 2006, p. 96-102).

O cristianismo é ontologicamente uma realidade concreta e inculturada (GOMES, 2021, p. 64), fruto de experiências de fé em culturas determinadas. Em um primeiro momento, o cristianismo recorreu às categorias gregas para exprimir sua mensagem. Esse encontro com o

helenismo foi decisivo para o futuro do cristianismo, pois o uso das categorias gregas na inteligibilidade dos mistérios do *Logos* encarnado e da Trindade divina, favoreceu a catolicização – universalização – da mensagem cristã. Atualmente, diante da redescoberta das raízes judaicas do cristianismo, emerge uma suspeita sobre o uso das categorias gregas na teologia cristã, especialmente a partir da crítica heideggeriana da ontoteologia. Muitos teólogos não se referem mais a Deus em termos de Ser – enquanto presença e identidade –, mas, buscando retomar a originalidade da Revelação bíblica, refletem sobre um Deus como mistério de gratuidade e alteridade. Segundo Geffré, a teologia cristã precisa ousar e não sacrificar os nomes de Deus recebidos da Revelação, a fim de não ceder aos imperativos e às consequências de um teísmo metafísico, que erige um Deus puramente conceitual, em uma espécie de ídolo intelectual (1972a, p. 786; 1989, p. 150-151). Marion afirma que onde o Ser supremo é afirmado, ao modo ontoteológico, o Deus cristão desaparece. Por isso, a teologia precisa se libertar da idolatria ontoteológica, buscando nas fontes da Revelação, o fundamento para a nomeação de Deus (1977, p. 34-35).

Enquanto fé em estado de ciência, a teologia precisa elaborar uma linguagem que se apoie nos conceitos fundamentais da Revelação (GEFFRÉ, 1972a, p. 790-791), pois a ideia de um Deus encarnado é um escândalo para a razão especulativa distanciada da compreensão de que a realidade concreta é a condição de possibilidade existencial e o fundamento racional de uma universalidade genuína. Como afirma Hegel, o universal precisa se encarnar para realizar o seu ser. A universalidade existe somente de maneira concreta (1997, p. 216-218). Segundo Geffré, é a partir da encarnação do *Logos* que o universal passa a existir na concretude da história, e que se compreende Deus a partir de sua expropriação como um Deus eternamente em processão, saindo de si ao encontro do outro (1989, p. 161-163). Para Moltmann, a unidade trinitária não é fechada em si mesma, exclusiva, mas aberta, convidativa e integradora (2004, p. 268). Sendo assim, a teologia, antes de ser puramente teórica e dogmatizada, é histórica e relacional.

A experiência histórica contemporânea, marcada pela globalização, traz à tona a realidade incontornável do pluralismo religioso que faz a teologia cristã repensar muitos de seus paradigmas tradicionais (DANNER, 2014, p. 71). Libanio afirma que após séculos de uma teologia endógena e autorreferencial, o Concílio Vaticano II, em um anseio por diálogo e *aggiornamento*, abriu os horizontes da teologia católica para uma perspectiva mais ampla, centrada no Reino de Deus que se manifesta nos “sinais dos tempos” (2005, p. 145-146). Contudo, a emergência de diversas formas de neofundamentalismo na atualidade é interpretada por Geffré como uma procura angustiante por certeza suscitada por um contexto de relativismo

generalizado. No fundo, as ideologias fundamentalistas pretendem negar todo aspecto de relatividade, reduzindo as complexidades e afirmando uma simplicidade ontoteológica ilusória como fuga da historicidade (2004, p. 25).

Geffré acredita que atualmente há em cada religião pessoas dispostas a ultrapassar antigas querelas e preconceitos, renunciando à vontade de domínio, em vista de uma colaboração em prol de urgências humanitárias e ecológicas. Percebe-se cada vez mais nas religiões uma consciência sobre uma responsabilidade comum pela defesa da vida e pela construção de um mundo mais justo e pacífico. No entanto, há resistências, consideradas inaceitáveis pelo estado de consciência atual, como, por exemplo, as manifestações de violência e os atentados terroristas com inspiração religiosa. Na contramão da disposição a um diálogo colaborativo, renascem integristas. Geffré interpreta essas atitudes como sendo contraditórias ao espírito contemporâneo. Por isso, defende que as religiões, quando são fiéis à sua mensagem fundamental, não se desviando por radicalismos ou extremismos ideológicos, podem ser consideradas relevantes para amenizar a violência da história, tendo um papel importante na pacificação dos conflitos sociais e no cuidado do planeta (2013a, p. 23).

3. Questões de pluralismo religioso

O pluralismo religioso é uma realidade proeminente no mundo hodierno (BINGEMER, 2002a, p. 312) que lança novos desafios à teologia cristã, cuja complexidade requer esforços hermenêuticos de discernimento (RIBEIRO, 2012, p. 213; 2013, p. 54; 2014, p. 211; 2017, p. 241). O encontro com outras religiões oferece ao cristianismo novos horizontes de leitura de seu patrimônio de fé, o que pode favorecer a emergência de cristianismos inculturados e plurais (MIRANDA, 1994, p. 385). O pluralismo religioso, enquanto realidade intransponível e irrevogável, é um componente inevitável e crescente no panorama mundial, e convida a reinterpretar a identidade e a singularidade de cada experiência religiosa – inclusive da mensagem cristã – diante do mistério divino emergente na história (GEFFRÉ, 2013b, p. 90; TEIXEIRA, 2008, p. 119-122; ROLIM, 1991, p. 53-54).

Considerando o fato de que a prática religiosa não é mais uma atividade hereditária, mas encontra-se na ordem da opção, a fragmentação religiosa é um fenômeno crescente, o que faz diminuir a fidelidade às instituições religiosas tradicionais (HORTAL, 1994, p. 204-205). Do ponto de vista religioso, não se nasce religioso, mas torna-se religioso por escolha, tendo em vista algo que faz sentido e direciona a vida do sujeito. A religião como espaço de exercício da autonomia da vontade e da capacidade de decisão, doravante caracteriza-se mais pela categoria de experiência que interpreta toda a existência, do que propriamente de herança que condiciona

um horizonte de expectativas previamente definido (CARVALHO, 1994, p. 22-23).

Além disso, de modo geral, na sociedade contemporânea, a busca pelo efêmero determina não só o comércio de bens e serviços, mas um mercado religioso: evitam-se compromissos de longo prazo em prol da moda do momento; do mesmo modo como se customizam artigos de consumo, assim ocorre no âmbito religioso, cada um monta sua própria experiência religiosa à medida de suas necessidades; muitas vezes, o credo pessoal baliza-se menos por parâmetros institucionais, e mais por escolhas pessoais, que nem sempre são coerentes e harmoniosamente orgânicas (HORTAL, 1994, p. 213).

O pluralismo cultural e religioso atual provoca o cristianismo a ampliar sua vivência da fé, não como totalidade uniforme, mas como comunhão na diversidade de experiências. Na medida em que há espaço no interior do cristianismo para múltiplas expressões de fé, este se tornará capaz de se apresentar diante de uma sociedade pluralista e diferenciada como uma alternativa religiosa plausível e pertinente (MIRANDA, 1991, p. 88). O cristianismo só poderá propor ofertas de sentido consideradas relevantes para a vida das pessoas de hoje na medida em que propiciar uma abertura dialogal aos desafios emergentes do mundo globalizado atual (GIDDENS, 1995, p. 13), dispondo-se ao aprendizado da diversidade, com alteridade e empatia (SWIDLER, 1988, p. 80-83), sendo estas atitudes, condições fundamentais para a vivência da fé e a convivência em âmbito plural.

No coração do cristianismo está o paradoxo do rebaixamento de Deus que motiva ao diálogo e à humildade diante da verdade religiosa. Em meio ao um contexto extremamente pluralista, é necessário desenvolver a capacidade de diálogo com posições contrastantes por meio de um discurso não absolutista, como solicitação ou proposta: um discurso-dom que compreende a necessidade de colocar-se a caminho, buscando uma ampliação de perspectivas. A dinâmica do discurso-dom compreende a realidade de um discurso doado, que ressalta o múltiplo, a diferença e a dinamicidade das interpretações, sem imposição. Na experiência religiosa, o discurso-dom emerge como proposta de comunicação na diferença (OLIVEIRA, 2010, p. 71-74).

Dois fatores parecem predispor à violência na medida em que são incorporados ao sistema da fé religiosa: um sentido exacerbado de excepcionalidade e um missionarismo agressivo. O primeiro, leva a crer que uma religião detém a eleição exclusiva, incutindo em seus seguidores um moralismo acima das leis válidas para as pessoas comuns, o que acarreta em discriminação e violência contra aqueles que se interpõem às propostas extremistas fundadas em “objetivos iluminados”. O segundo, propaga a ideologia de que os que aderem à fé correta são superiores aos outros, possuindo uma dignidade de difundi-la, mesmo que por

persuasão ou coerção violenta. Os fatores supramencionados deixam muitas pessoas perplexas pelo fato de que se escuta oficialmente um discurso de paz por parte da maioria das religiões do mundo, contudo, percebe-se que na prática muitas delas contribuem para o fomento de atitudes de intolerância e violência (GALTUNG; MACQUEEN, 2008, p. 59-60).

Não há nada mais urgente no mundo de hoje que a paz como condição fundamental para a realização das aspirações mais profundas de vida e felicidade da pessoa humana. Em sentido bíblico, a paz – *shalom, eirene* – diz respeito à situação de bem-estar e felicidade que dinamiza as dimensões da vida humana em sua integralidade. A paz como fruto da justiça (*Is 32,17*) é imprescindível para a plenificação da vida humana e do planeta (OLIVEIRA, 2005, p. 78-81). Diante dos apelos do mundo atual, as religiões são chamadas a contribuir na busca pela paz. No sermão da montanha Jesus expressa importantes ensinamentos sobre paz e não violência: a bem-aventurança da mansidão (*Mt 5,4*) como humildade de coração (*Mt 11,29*) que se manifesta no amor ao próximo; os pacíficos ou construtores da paz (*Mt 5,9*) que nada têm a ver com irênicos apáticos, mas com reconciliadores (*Cf 1,20*) que procuram o bem do outro, constituindo-se em transformadores ativos. A mensagem da paz está no centro da pregação de Jesus e é expressão privilegiada dos dons do Ressuscitado à humanidade (*Jo 20,19*) (BINGEMER, 2002b, p. 239-243). Promover a paz é o grande desafio dos que creem em Deus.

Diante de um pluralismo disseminado em todas as estruturas e dinâmicas sociais, faz-se necessária uma habilidade para o diálogo e a resolução de conflitos, a qual, no âmbito religioso, baseia-se na *kênosis* comum que coloca as religiões sob o juízo da realidade que elas mesmas testemunham (SANTOS, 2015, p. 1894), indo além de uma estratégia meramente de convivência, para se tornar uma dimensão fundamental das suas relações e da sua ação (SANCHEZ, 2015, p. 2006). Um dos resultados mais relevantes do diálogo inter-religioso é o empenho das religiões em prol da paz através de uma mútua cooperação (TEIXEIRA, 1995, p. 91-93). A aceitação do paradigma pluralista não é de interesse apenas religioso, mas também social, político e humanitário: é necessário para a sobrevivência da espécie humana e do planeta (VIGIL, 2015, p. 1786). Sendo assim, a postura hermenêutica e o paradigma pluralista em teologia fazem emergir algumas interpelações proféticas às religiões.

4. Interpelações proféticas às religiões

A metodologia hermenêutica em teologia permite tratar de temas delicados de forma criativa e aberta (GOMES, 2021, p. 159), e desenvolver uma leitura plural da economia da Revelação cristã, propiciando um desentrançamento do *intellectus fidei*, compreendido de maneira não absoluta e relacional. A teologia como ciência hermenêutica desce ao chão da

história fazendo memória da ação de Deus – em um retorno às fontes –, a fim de ter uma base sólida para proceder ao discernimento dos sinais dos tempos – em abertura profética aos apelos do contexto atual –, com o intuito de produzir uma recepção criativa da fé que atualiza e inova para incitar à uma ação transformadora.

Diante das incertezas da sociedade globalizada e pluralista, emergem posturas fundamentalistas e integristas que radicalizam o princípio da identidade, em uma busca angustiante por certezas e garantias. Segue-se a isso, a disseminação de atitudes de intolerância e violência ao diferente. As religiões são chamadas a serem fiéis à sua mensagem fundamental, não se desviando por ideologias extremistas, a fim de poderem ajudar a amenizar a violência da história, tendo assim, um papel social relevante para a pacificação de conflitos e o cuidado da vida humana e do planeta (GOMES, 2021, p. 161). Diante de graves urgências humanitárias e ecológicas, a construção da paz em nível planetário envolve um diálogo colaborativo entre as religiões que suscite iniciativas que precisam da participação e do empenho de todos.

A paz é o grande anseio da humanidade de todos os tempos, e requer um *ethos* que envolve comportamentos e posicionamentos, ou seja, diz respeito à postura que se assume e aos processos que se empreende, com o intuito de superar realidades socioculturais perversas e injustas. Sendo a paz um acontecimento dinamizado pela prática da justiça, o cristianismo e as outras religiões só poderão justificar eticamente sua razão de ser perante a sociedade na medida em que empreenderem uma releitura não belicista de suas tradições (HAMMES; RABUSKE, 2012, p. 447-449) e adotarem as grandes causas da humanidade, como a luta pela justiça, a promoção dos direitos humanos, a defesa da vida e a edificação de uma cultura de paz. Nesse sentido, o diálogo inter-religioso obtém sua relevância na medida que conduz ao comprometimento com questões sociais e humanitárias de vital urgência na atualidade.

O Papa Francisco afirma que a paz social depende da observância da justiça social. Por isso, defende que a paz não pode ser entendida como mero irenismo ou como a simples ausência de violência (EG 218), mas exige que conflitos não sejam ignorados ou dissimulados (EG 226) e sejam trabalhados. Considerando o fato de que a diversidade é uma riqueza, a busca da paz não consiste apenas em uma negociação, mas em uma harmonização antropológica, ética e social das diferenças (EG 230). O Evangelho da paz (Ef 6,15) convoca os cristãos e também os membros de outras religiões a serem instrumentos de pacificação, testemunhando a realidade de uma vida reconciliada (EG 239), “no compromisso pela defesa da dignidade humana, na construção de uma convivência pacífica entre os povos e na guarda da criação” (EG 257).

O cristianismo e as outras religiões são chamados a um engajamento em questões sociais em prol da promoção humana (GEFFRÉ, 2013a, p. 335; 1989, p. 188). Mais do que um diálogo

direto, focado em questões puramente doutrinárias, faz-se necessário um diálogo indireto, centrado em questões práticas, de especial candência humanitária, social e ecológica (MOLTMANN, 2004, p. 29-30). O objetivo do diálogo inter-religioso não pode ser um narcisismo egoísta, em torno de si mesmo, mas precisa estar orientado para as grandes causas de Deus, que são a humanidade e o mundo (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 241-243). Sendo assim, pensar o diálogo entre as religiões a partir de necessidades sociais e humanitárias não significa se desviar de uma competência propriamente religiosa, mas consiste, justamente, no esforço de conferir-lhe pleno sentido (AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 374-375). O esforço conjunto pela justiça social e pelo cuidado da humanidade e da casa comum é uma tarefa inadiável das religiões (NEVES, 2015, p. 2258).

Referências Bibliográficas

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Diálogo inter-religioso por uma cultura de paz. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 359-375, Jul./Dez. 2012.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: UNICAP, 2019.

BERNHARDT, Reinhold. *Christianity without absolutes*. Trad. John Bowden. London: SCM Press, 1994.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Faces e interfaces da sacralidade em um mundo secularizado. In: LIMA, Degislano; TRUDEL, Jacques (Orgs.). *Teologia em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2002a, p. 285-332.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Jesus Cristo e a prática da não violência. In: MIRANDA, Mário de França (Org.). *A pessoa e a mensagem de Jesus: “quem dizem os homens que eu sou?” (Mc 8,27)*. São Paulo: Loyola, 2002b, p. 239-257.

CARVALHO, José Jorge de. Tendências religiosas no Brasil contemporâneo. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A Igreja católica diante do pluralismo religioso no Brasil (III)*. São Paulo: Paulus, 1994 (Estudos da CNBB, 71), p. 21-36.

OLIVEIRA, Clory Trindade de. Religiões: caminho para a paz. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, ano 20, n. 40, p. 77-84, 2005.

CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. Trad. Carlos Lopes de Matos. São Paulo: EPU, 1973.

CORTESI, Alessandro. Mistica, política e dialogo interreligioso nella teologia di Claude Geffré. *Etica & Politica*, Trieste, v. 8, n. 2, p. 89-115, 2006.

DANNER, Leno Francisco. Um fundamento para o ecumenismo: a irredutibilidade do outro. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 33, p. 70-98, Jan./Mar. 2014.

DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. Trad. Márcia de Almeida; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1999.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

GALTUNG, Johan; MACQUEEN, Graeme. *Globalizing God: religion, spirituality and peace*. Oslo: Transcend University Press; Kolofon Press, 2008.

GEFFRÉ, Claude. Athènes, Jérusalem, Bénarès: la rencontre de l'Occident chrétien et de l'Orient. In: TARDAN-MASQUELIER, Y. (Org.). *Les spiritualités au carrefour du monde moderne*. Paris: Centurion, 1994, p. 103-128.

GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989.

GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

GEFFRÉ, Claude. *De Babel à Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa*. São Paulo: Paulus, 2013a.

GEFFRÉ, Claude. La teología europea en el ocaso del eurocentrismo. *Selecciones de Teología*, Barcelona, v. 32, n. 128, p. 286-299, Out./Dez.1993.

GEFFRÉ, Claude. *Le christianisme comme religion de l'évangile*. Paris: Cerf, 2013b.

GEFFRÉ, Claude. Le lecture fondamentaliste de l'Écriture dans le christianisme. *Études*, Paris, v. 12, n. 397, p. 635-645, 2002.

GEFFRÉ, Claude. Le pluralisme religieux et l'indifférentisme, ou le vrai défi de la théologie chrétienne. *Revue théologique de Louvain*, Lovain, v. 31, n. 1, p. 3-32, 2000.

GEFFRÉ, Claude. Mission et inculturation. *Spiritus*, Paris, n. 109, p. 406-427, 1987.

GEFFRÉ, Claude. O futuro da religião entre fundamentalismo e modernidade. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006.

GEFFRÉ, Claude. Pluralité des théologies et unité de la foi. In: LAURET, Bernard; REFOULÉT, François (Orgs.). *Initiation à la pratique de théologie*. Paris: Cerf, 1982, t. 1, p.117-142.

GEFFRÉ, Claude. Révélation et expérience historique des hommes. *Laval théologique et philosophique*, Laval, v. 46, n. 1, p. 3-16, 1990.

GEFFRÉ, Claude. Sentido e não-sentido de uma teologia não-metafísica. *Concilium*, Petrópolis, n. 76, p. 783-793, 1972a.

- GEFFRÉ, Claude. *Un nouvel âge de la théologie*. Paris: Cerf, 1972b.
- GEFFRÉ, Claude. Un salut un pluriel. *Lumière et Vie*, Lion, n. 250, p. 21-38, Abr./Mai. 2001.
- GIDDENS, Anthony. *Para além da esquerda e da direita*. Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Unesp, 1995.
- GOMES, Tiago de Fraga. *O Logos hermenêutico em teologia: de uma racionalidade hermenêutica a uma leitura plural da economia da revelação cristã*. Porto Alegre: Edipucrs, 2021.
- HAIGHT, Roger. *A dinâmica da teologia*. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2004.
- HAMMES, Érico João; RABUSKE, Irineu J. Deus num mundo de violência e a perspectiva do Vaticano II. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 44, n. 124, p. 429-450, Set./Dez. 2012.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Princípios da filosofia do direito*. Trad. Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HORTAL, Jesus. As novas tendências religiosas: uma reflexão sobre as suas causas e consequências. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A Igreja católica diante do pluralismo religioso no Brasil (III)*. São Paulo: Paulus, 1994 (Estudos da CNBB, 71), p. 203-224.
- LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARION, Jean-Luc. *L'idole et la distance*. Paris: Grasset, 1977.
- MIRANDA, Mário de França. A configuração do cristianismo num contexto pluri-religioso. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 26, n. 70, p. 373-387, 1994.
- MIRANDA, Mário de França. A Igreja católica diante do pluralismo religioso no Brasil. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A Igreja católica diante do pluralismo religioso no Brasil (I)*. São Paulo: Paulinas, 1991 (Estudos da CNBB, 62), p. 62-88.
- MOLTMANN, Jürgen. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia crista*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- NEVES, Rui Manuel Grácio das. Pluralismo religioso e transformação sócio-ecclesial. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 2248-2267, Out./Dez. 2015.
- OLIVEIRA, Ibraim Vitor de. Violência do “saber”: metafísica e discurso sobre Deus. In: OLIVEIRA, Ibraim Vitor de; PAIVA, Márcio Antônio de (Orgs.). *Violência e discurso sobre Deus: da desconstrução à abertura ética*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Ed. Puc Minas, 2010, p. 31-82.
- RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Bases teológicas cristãs para o discernimento do pluralismo

religioso. *Pistis & Praxis*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 209-228, Jan./Abr. 2014.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. O princípio pluralista: bases teóricas, conceituais e possibilidades de aplicação. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 25, n. 90, p. 234-257, Jul./Dez. 2017.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Pluralismo e religiões: bases ecumênicas para uma teologia das religiões. *Estudos de Religião*, São Paulo, v. 26, n. 42, p. 209-237, Jan./Jun. 2012.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Um olhar sobre o atual cenário religioso brasileiro: possibilidades e limites para o pluralismo. *Estudos de Religião*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 53-71, Jul./Dez. 2013.

ROLIM, Francisco C. Pluralismo religioso no Brasil. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A Igreja católica diante do pluralismo religioso no Brasil (I)*. São Paulo: Paulinas, 1991 (Estudos da CNBB, 62), p. 25-61.

SANCHEZ, Wagner L. Pela transversalidade do diálogo inter-religioso na teologia e na pastoral. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 1982-2008, Out./Dez. 2015.

SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. Uma apologia do diálogo: Claude Geffré lendo Paul Tillich. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 1870-1895, Out./Dez. 2015.

SWIDLER, Leonard. *Cristãos e não cristãos em diálogo*. Trad. José W. de Andrade. São Paulo: Paulinas, 1988.

TEIXEIRA, Faustino. O cristianismo entre a identidade singular e o desafio plural. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 27, n. 71, p. 83-101, 1995.

TEIXEIRA, Faustino. O diálogo inter-religioso. In: TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota (Orgs.). *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Aparecida: Santuário, 2008, p. 117-211.

TRACY, David. L'herméneutique de la désignation de Dieu: hommage a Claude Geffré. In: JOSSUA, Jean-Pierre; SÉD, Nicolas-Jean (Org.). *Interpréter: mélanges offerts à Claude Geffré*. Paris: Cerf, 1992.

VIGIL, José Maria. Paradigma pluralista: mirando al futuro. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 1755-1789, Out./Dez. 2015.